

tão destina-se a ser uma introdução ao assunto, dirigida particularmente aos principiantes, empenhando-se o A. em traçar um quadro geral da história e das instituições escandinavas do período. Em 16 capítulos apresenta-se dividido o trabalho, o que, por si só, demonstra a intenção didática, uma vez que tal didática facilita consideravelmente a leitura e a assimilação da matéria tratada, tanto mais quanto esta se dispõe sobre um grande cenário geográfico e obriga à referência a um sem número de personagens do mundo lendário e histórico escandinavo, o que dá facilmente margem à confusão. Nos dois primeiros capítulos temos uma espécie de introdução, dedicada a um ligeiro esboço da pré-história da Escandinávia nas suas relações com o continente (particularmente com a expansão celta na Europa), às referências dos autores antigos — de Piteas a Procópio e Jordanes —, aos povos da região e aos seus deslocamentos, às runas e à antiga língua nórdica. Os três capítulos seguintes são ocupados com as mais antigas composições poéticas heróicas da Escandinávia, divididas em 3 grupos: a) — as que se desenvolveram em torno de Ermanarico, Átila, Gunnar, Hamdir, Sörli e Angantyr; b) — as que tratam de heróis suecos, principalmente o *Beowulf*, uma vez que não foi conservada produção alguma legitimamente escandinava deste período; c) — heróis dinamarqueses, para cujo estudo a fonte mais importante é representada pelos *Gesta Danorum*, de Saxo Grammaticus, e dos quais os mais brilhantes são os reis da família dos Skjöldungar, também mencionados no *Beowulf*, assim como noutro poema anglo-saxão, o *Widsith*. Indiscutivelmente, os mais interessantes destes heróis são o famoso Hrólfr (séc. VI), que deu o nome a uma das sagas (na qual se encontra a melhor descrição da batalha de Hleidr), e Harald, personagem central da batalha de Brávellir. A terceira parte do volume pode ser distinguida nos capítulos VI e VII, em que são descritas as guerras vikings do século IX e a tentativa de evangelização de Santo Anscário e seus companheiros, após o que entramos na fase de unificação política dos estados escandinavos. Gorm, “o restaurador da Dinamarca”, e Harald-do-dente-azul dão ao seu país uma posição de preeminência nos mares do Norte, ao mesmo tempo que se processa a conversão da Dinamarca ao Cristianismo. Na Noruega, Harald-dos-belos-cabelos unifica o país após a batalha de Hafrsfjörd, Hakon-o-Bom destaca-se pela sua obra administrativa e, por fim, após a violenta tentativa de Olavo Tryggvason, Santo Olavo implanta definitivamente o Cristianismo na região, enquanto se forma o império dinamarquês de Knut. Com isto passamos aos dois últimos capítulos, dedicados à poesia e historiografia dos escaldas e dos islandeses, pondo-se em destaque a excepcional posição da Islândia no panorama cultural da época.

Como bem se pode verificar, trata-se de um cômodo resumo, mas não podemos deixar de estranhar que o Autor não dê suficiente relevo à questão das relações entre a Escandinávia e as outras regiões da Europa com que os vikings entraram em contacto. Mesmo a colonização na Inglaterra não é satisfatoriamente tratada, nem havendo mesmo ligeira referência aos estabelecimentos no norte da França e à penetração sueca na Rússia. Aliás, nota-se que, apesar de não haver restrição alguma no título do volume, a história da Suécia é geralmente negligenciada pelo Autor. Talvez isto se explique pela sua própria especialização em literatura e antiguidades islandesas, o que teria feito com que ele se voltasse mais para as regiões que interessam mais à história da Islândia, mormente à Noruega.

PEDRO MOACYR CAMPOS

---

NETTL (Paul). *De Lutero a Bach*. Tradução de Adam F. Sosa. Buenos Aires, Editorial La Aurora, s. d. 160 pp.

*De Lutero a Bach*. . . eis um excelente roteiro para quem quizer estudar a história da música religiosa ou, mais particularmente, a contribuição da reforma religiosa do século XVI para a história da música. São unânimes os historiadores em salientar que o ponto culminante dessa contribuição foi o desenvolvimento do canto coral, forma que encontrou na igreja reformada um campo

muito maior do que na católica. A participação direta do indivíduo no culto levou as igrejas reformadas a uma preocupação séria e constante com a educação musical do povo, uma vez que o cântico consubstanciava, de maneira simples e agradável, o privilégio de louvar a Deus.

Todavia, convém não esquecer dois pontos importantes nessa contribuição do protestantismo para a história da música: primeiro, o papel de Lutero, êle próprio músico e compositor; segundo, o interesse pelo canto coral não foi, pelo menos nos primeiros tempos, generalizado em tôdas as igrejas reformadas. Dentro do rigor puritano, calvinista ou escossês, a música como que não se sentia muito à vontade... Daí a contribuição muito menor das igrejas filiadas à confissão calvinista para a música religiosa.

Mas, falávamos do roteiro de Lutero a Bach, com escalas principais em Schütz e em Buxtehude (na Alemanha) e em Goudimel e em Claude Le Jeune (na França). Os dois primeiros, especialmente, por terem sido os precursores de Bach nas duas formas em que o seu gênio mais produziu: o oratório e a cantata. Era o estudo dessa evolução que esperávamos encontrar ao ler o livro do Dr. Nettl, divulgado entre nós em tradução espanhola e editado por La Aurora, de Buenos Aires, editôra que nos parece de orientação protestante. Entretanto, a leitura não correspondeu à nossa expectativa. Manda a verdade, porém, que afirmamos que nosso desaponto (não chegou absolutamente a ser decepção...) deve ser atribuído não ao autor, mas ao tradutor argentino que entendeu de alterar o título, como infelizmente acontece, e de maneira inexplicável, com relativa freqüência com as traduções de procedência argentina. O *De Lutero a Bach* do tradutor argentino é apenas *Luther and music* da edição original, coisas, como se vê, bem diferentes. O título argentino implica uma idéia de evolução que o autor nunca pretendeu. Daí a rapidez com que trata dessa evolução num capítulo, êste sim intitulado "De Lutero a Bach" e onde a apreciação do assunto não poderia, de fato, ocupar mais do que uma dezena de páginas, sem entrar na análise pormenorizada da obra dos que precederam o célebre cantor de São Tomaz.

Todavia, dentro do que o A. pretendeu realizar, seu livro é realmente valioso e vale como um subsídio magnífico para a história da música religiosa, particularmente para a contribuição de Lutero, e cuja leitura recomendamos vivamente a todos os melômanos e a todos os que se interessam por êsse setor tão empolgante da história da civilização. É obra de leitura simples, agradável, sem exemplos musicais, que, geralmente, assustam os não iniciados. Se alguém, um dia, editá-lo no Brasil, desejamos apenas que conserve o título original...

#### ODILON NOGUEIRA DE MATOS

#### LES FRANÇAIS EN AMÉRIQUE PENDANT LA DEUXIÈME MOITIÉ DU XVII<sup>e</sup> SIÈCLE.

1. *Le Brésil et les brésiliens*, par André Thevet. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet; introduction par Ch.-A. Julien. Paris, Presses Universitaires de France, 1953. (Col. "Pays d'outre-mer", deuxième série — "Les classiques de la colonisation").

Da aventura francesa no Brasil, em meados do século XVI, resultaram numerosas informações sobre o nosso país, pelas quais são responsáveis Jean de Lery e André Thevet, religiosos (um protestante, o outro católico), que acompanharam Villegaignon naquela empresa. A obra de Lery é incomparavelmente mais valiosa do que a de Thevet, nela se encontrando qualidades raras em viajantes daquela época, como a objetividade e, especialmente, a veracidade. Daí a projeção maior de seu nome e o maior aproveitamento de seus escritos como fonte para a história brasileira do século XVI. Em Thevet "aparece aquela imaginação fértil e aquêle pedantismo literário, tão comuns ao século XVI... No fundo, uma alma cândida e crédula. Uma boa alma de franciscano. Pelas longas